

LEITURA, ESCRITA E HIPERTEXTO DIGITAL: CONSTRUINDO NOVOS SABERES NO MUNDO GLOBALIZADO

Obdália S. F. SILVA

Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia 40.110 100, Brasil

e

Dinéa Maria S. MUNIZ

Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia 40.110 100, Brasil

Resumo: Este estudo parte do princípio de que a linguagem é uma atividade humana interativa que se dá no jogo complexo da subjetividade; é um fenômeno constitutivo, coletivo, histórico-social, através do qual o homem se reconhece como tal, compreende o mundo e nele se move. Portanto, os sujeitos se apropriam da linguagem socialmente, não sendo possível, pensá-los desvinculados do contexto sociocultural. Assim, concebendo as mudanças nas interfaces escrita e tecnologias digitais, e o leitor e produtor de textos como alguém que diz algo, de um determinado lugar da sociedade, com uma intencionalidade, objetivou-se, nesse estudo, discutir sobre como se dá o exercício da produção de textos entre os graduandos de Letras, que utilizam o hipertexto digital como fonte de pesquisa, haja vista o lugar de destaque que ocupam esses sujeitos, como formadores de leitores e produtores de textos. Pretendeu-se, assim, uma compartilhada produção de conhecimento, na qual foram criadas estratégias capazes de apreender como os sujeitos se relacionavam com a leitura e produção textual na internet, como construíam essas práticas no cotidiano e como extraíam desse processo um conhecimento novo.

Palavras-chave: Leitura; Produção de texto; Hipertexto; Autoria/co-autoria; Plágio

1. TECENDO FIOS SOBRE A RELEVÂNCIA DO TEMA

Isso que te escrevi é um desenho eletrônico e não tem passado ou futuro: é simplesmente já (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Na atualidade, devido ao novo aparato de mediação – o computador – as práticas sócio-culturais de leitura/escrita vêm ganhando especial destaque, propondo à universidade

repensar sobre a formação de professores – neste estudo especificamente, os de língua materna – no contexto da nova ecologia cognitiva, que exige uma articulação permanente entre as práticas de leitura e os momentos de reflexão sobre esse processo.

Assim, considerando-se relevante compreender e discutir como os graduandos em Letras Vernáculas se posicionam com relação à leitura e produção textual a partir dos hipertextos digitais, realizou-se uma pesquisa, como forma também de integrar esforços investigativos para trazer um avanço a estas questões. Esses graduandos, como professores, precisam de estratégias para lidar com a geração net, crianças e adolescentes que usam cada vez mais o ciberespaço para leitura e escrita significativas, em comparação com o que escola propõe, visto se tratar de práticas que surgem do desejo, enraizadas na vida, interativas, dirigidas a interlocutores reais. Como enfatiza Ramal: “[...] esses processos não cabem na ‘grade’ [...] O que não cabe na grade entra de forma oblíqua na escola, mas entra com tal força a ponto de questioná-la e forçá-la a abrir novas janelas” (2002, p. 245).

Daí a necessidade de se realizar esforços, nessa direção, para fomentar entre os graduandos de Letras – muitos já atuantes na rede de ensino fundamental e médio – reflexões que gerem ações transformadoras em sua prática educativa, como leitores e produtores de textos, para agirem com criticidade e competência em relação a esses veios labirínticos de leituras/escritas na cultura digital, a qual tem revolucionado as interações entre os indivíduos e sociedade, modificando

hábitos/costumes dos cidadãos, criando um cotidiano permeado de novas linguagens e possibilidades de comunicação, outras maneiras de ler, interpretar e construir textos (LÉVY, 1993; RAMAL, 2002; SANTAELLA, 2004).

Xavier alerta para o fato de que “a compreensão dessa nova ordem, bem como a nossa sobrevivência nela, passam necessariamente pela aprendizagem da leitura e da escrita do/no hipertexto que tende a mediar as relações dos sujeitos na Sociedade de Informação” (2004, p. 171), propondo ao professor uma nova relação com os conceitos de leitor e texto (KOCH, 2003; KLEIMAN, 2000; GERALDI, 2002), contexto, espaço e temporalidade, e um repensar sobre a aprendizagem de leitura e escrita na escola, que lhe dê subsídios “[...] para formar novos leitores no processo de ensinar/aprender novos gestos de leitura de diferentes suportes, materiais, texturas, configurações textuais etc., num movimento de apropriação das novas tecnologias (BARRETO, 2001, p. 199-200).

Discutir essas novas possibilidades de leitura e escrita que afloram na Internet, é essencial, uma vez que o hipertexto se efetiva como espaço de leitura e escrita para crianças e adolescentes, exigindo do professor em formação repensar suas práticas como leitor e produtor de textos, bem como as práticas de linguagem desenvolvidas nos espaços escolares, um desafio para a educação que sempre foi comprometida com sentidos supostamente únicos, metanarrativas (LEITE e FILÉ, 2002).

2. DOS OBJETIVOS AO TEAR

A pesquisa de campo teve início em agosto/2005, estendendo-se até novembro/2005, sob a forma de um curso de extensão semi-presencial, com carga horária de sessenta horas, no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) denominado Moodle, instalado no servidor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. A interação proporcionada por esse AVA se deu através de suas interfaces amigáveis: chats, fóruns, diário e Wiki, este último, espaço para escrita colaborativa. Desse processo, participaram vinte e seis alunos, graduandos de Letras, da UNEB – Campus XIV, do primeiro ao oitavo semestre.

Nesse período de interação, objetivou-se: compreender a relação que os sujeitos envolvidos na pesquisa têm com a leitura e escrita a partir da Web; discutir sobre o acesso ao hipertexto digital como fonte de estudo/pesquisa no meio acadêmico, seu uso ético, de maneira que forme o sujeito do conhecimento para o julgamento, o senso crítico, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a análise, reelaboração de textos e hipertextos.

Nesse sentido, partiu-se de algumas questões em relação à leitura e escrita a partir do hipertexto digital: em que medida o convívio do aluno com a Internet tem influenciado ou colaborado na leitura e produção de textos, em termos de construção de idéias, co-autoria e organização textual? Como o hipertexto digital tem sido utilizado pelos alunos do curso de Letras do *Campus XIV*, no auxílio à leitura e produção de texto?

3. (DES)CAMINHOS E MODOS DE TECER OS FIOS

Considerando a pesquisa como um compromisso social e que “sem sujeito o objeto é inviável, com sujeito ele é possível e sem objeto construído não há produção de conhecimento” (FIALHO, 1986, p. 27), julgou-se relevante o envolvimento e implicação do sujeito pesquisador com os atores sociais pesquisados, bem como o espaço dialético entre ambos, entendendo que há um movimento do objeto que invade o sujeito e vice-versa; pois, “como seria, então, possível uma pesquisa qualitativa fora da dinâmica da interação entre o pesquisador e o pesquisado?” (MACEDO, 2000, p. 19). Essa convivência fez-se necessária a fim de compreender as estratégias que constroem para ler e escrever a partir dos hipertextos digitais, partindo-se do princípio de que o real não se encontra pré-definido; os atores sociais definem a situação em que se encontram ao construí-la.

A opção metodológica de pesquisa está alicerçada nestes pressupostos: a educação não deve ser pensada a partir dos “a priori” – porque todo “a priori” em educação tem que ser problematizado e relativizado; a leitura e produção de textos – em qualquer que seja o

suporte – são práticas sociais permeadas de complexidade que fazem parte do processo de instauração do(s) sentido(s); o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história.

Assim, lançou-se mão de entrevistas semi-abertas, fóruns, chats, os quais permitiram, a partir do contato com o objeto de estudo, tematizar e problematizar a realidade pesquisada, compreendê-la na medida em que se foi interpretando-a, ao modo dos etnometodólogos, para quem “a constituição social do saber não pode ser analisada independentemente dos contextos da atividade institucionalizada que o produz e mantém.” (MACEDO, 2000, p. 112).

4. TRAMANDO OS FIOS TECIDOS: SOBRE A ANÁLISE DOS DITOS

A investigação desenvolveu-se ao longo do curso de extensão semi-presencial, no ambiente virtual de aprendizagem Moodle. Foram utilizadas as interfaces: fórum, chat, diário, wiki – espaço para escrita colaborativa –, além da entrevista semi-aberta e a observação. Em todos esses espaços foram postadas atividades relacionadas às questões destacadas no problema: a leitura e escrita na Internet e o uso do hipertexto para pesquisa e construção de outros textos. Os textos postados nesses espaços, juntamente com a entrevista semi-aberta e a observação que permearam todo o processo, serviram de dados e forneceram subsídios para as observações e discussões sobre como lêem e escrevem os graduandos de letras, como organizam suas idéias, como constroem conhecimentos, a partir do uso do hipertexto digital.

Os encontros realizados, tanto presencialmente quanto a distância, bem como a interpretação do material coletado, foram fundamentados na visão de que conhecimentos se constroem numa relação intersubjetiva e que a interpretação se viabiliza numa dimensão hermenêutica. Assim, além das entrevistas e observações, foram considerados como muito importantes no processo, as discussões nos fóruns, mas também os diálogos nos chats e nos encontros presenciais, entre pesquisadora e alunos e entre os próprios alunos, incluindo-se aí as idéias divergentes ou convergente, os

debates, a polêmica, na intenção de se compreender as manifestações, ações, percepções, comportamentos e interações de cada ator, levando-se em consideração o contexto em que cada um se situava, suas experiências pessoais e profissionais.

Os eixos de análise foram as seguintes: produção textual, leitura, plágio, co-autoria. Para análise desses eixos, foram utilizados os conteúdos postados nas seguintes interfaces: o fórum sobre leitura e escrita na Internet, o chat no qual se discutiu sobre plágio, o diário, e escrita colaborativa.

O eixo produção textual foi analisado nos fóruns de discussão, no diário, onde cada aluno escreveu seu texto individual e no *wiki*, onde todos os sujeitos construíram um texto coletivo. Do fórum, que serviu para análise do eixo “leitura”, participaram dezoito alunos; do chat que contribuiu para análise do eixo “plágio”, participaram dezenove sujeitos. No diário, espaço onde se analisou o eixo “produção textual”, construíram textos individuais apenas seis, dos vinte sujeitos. O texto coletivo, que também serviu para análise desse eixo, teve a participação de quinze dos vinte seis sujeitos.

Em relação à utilização dos hipertextos, pelos professores em formação, para leitura e produção textual, o conteúdo postado por eles no fórum em questão levou à compreensão de os que atores, envolvidos na pesquisa, utilizam os hipertextos digitais para leitura e escrita por ser um meio facilitador e de extrema rapidez e praticidade. Computador e Internet estão fortemente presentes na vida desses atores que utilizam seus hipertextos para variadas pesquisas, mas, principalmente, visando à elaboração de trabalhos exigidos pelas disciplinas do curso de graduação em letras Vernáculas.

Os fóruns e os chats contribuíram para promover entre os sujeitos da pesquisa uma discussão e aprendizagem coletiva sobre o tema, na qual se evidenciou que os hipertextos digitais se tornaram o maior meio de pesquisa entre os graduandos, como forma de resolver a falta de “tempo para exaustivas pesquisas bibliográficas” (JB); pela variedade de links e de opções oferecidas pelos links; como suporte para melhoria na construção dos argumentos;

como fonte de pesquisa para “embasamento teórico para ajudar na concretização de alguns trabalhos” (DC); para esclarecer dúvidas em relação a determinados conteúdos; “para facilitar as atividades acadêmicas” (SO).

As “falas” dos sujeitos, tanto no chat como nos fóruns e entrevistas, revelam o uso que fazem dos hipertextos, tomando-os como “ajuda” às pesquisas. Segundo um sujeito, “a produção textual ainda é um mito, não só no ensino básico, como também na faculdade” (CS). Atribuem o fato de não produzirem, e sim, reproduzirem à escola que sempre incentivou a nota, a cópia fiel, uma vez que não consideravam a compreensão e o esforço interpretativo do aluno, como se percebe nos depoimentos seguintes:

[...] os professores, quando eu estudava ensinavam a fazer pesquisa como cópia mesmo... não com o que nós entendemos sobre o assunto (VD)

[...] é interessante observarmos o erro que acontece desde as serie iniciais [...] somos iniciados na cultura da copia desde cedo (MA)

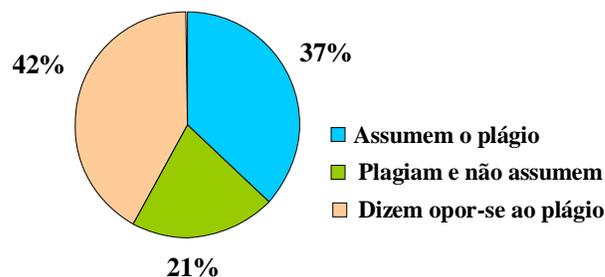
[...] o problema maior que vislumbro é a indiferença com que alguns ou a maioria dos professores mesmo na Universidade, encaram a questão do plágio. Assim como no ensino fundamental, alguns desses ‘ditos’ profissionais cerram os olhos para o fato [...] (CR)¹

Da discussão e análise sobre produção de texto na universidade, constatou-se que, mesmo não estando essencialmente ligadas ao hipertexto digital, as dificuldades que os sujeitos têm de produzir textos são ampliadas a partir dele, pois se o propósito do hipertexto digital é auxiliar os sujeitos na busca de saberes, na qualidade e na criatividade de elaboração de idéias, notou-se que, entre eles, lamentavelmente, o hipertexto, na maioria das vezes, não tem sido utilizado para esse fim. Isto porque demonstraram nos textos produzidos durante o período da pesquisa que ainda não se autorizam, não selecionam, nem avaliam nem recriam as informações extraídas dos hipertextos. Essa situação pôde ser notada nas

escritas dos sujeitos, quando, claramente, ou nas entrelinhas do discurso que usam, revelam a estratégia do plágio².

A cópia indevida de textos de outrem, isto é, o plágio, que, com a internet, ganhou uma maior dimensão, tem se constituído num problema que merece reflexão no espaço acadêmico. Dos vinte sujeitos em formação, que participaram desta pesquisa, dezenove interagiram num chat de discussão sobre plágio. A análise dos argumentos desses sujeitos nos revelou: 37% assumem claramente já ter cometido plágio de textos; 21% não assumem claramente; 42% dizem não ser a favor do plágio, como mostra o gráfico seguinte:

Gráfico 1: Posição dos sujeitos em relação ao plágio



Entre os dezenove, sete assumiram plagiar, de modo explícito. Destacamos três depoimentos abaixo, que foram transcritos, fielmente do chat, onde ocorreu o diálogo:

[...] eu, sou sincero. Plagiei semestre passado [...] eu sei que não é o caminho correto, mas desde q não seja prejudicial na minha construção do conhecimento. Aconteceu em uma disciplina que não considerava importante para mim, já que o curso de letras é muito abrangente e então sei o q é de meu interesse, o que acredito que seja de importância para mim e devo tentar aperfeiçoar-me; o que não era a disciplina na qual plagiei da net (JL).

fica difícil não plagiar com tantas oportuidades (GB).

que plágio é crime eu sei. Mas quem nunca plagiou (IJ).

Na fala de outro sujeito que assume, explicitamente, o plágio, percebemos que, no contexto acadêmico, à revelia do professor, a

¹ Os textos foram transcritos fielmente, considerando a escrita característica dos fóruns e chats virtuais.

² Diálogo reproduzido fielmente, a partir da discussão realizada num chat.

cópia de textos de outrem se tornou uma constante:

[...] no final do semestre cheguei a fazer um trabalho que 90% dele era cópia e tirei 9,5 (risos) (DO).

Discussões e reflexões foram efetuadas a partir dessas vivências, gerando inclusive, esforços de construção coletiva de textos, com estes professores em formação, utilizando hipertextos digitais, na tentativa de se estabelecer um diálogo crítico com a realidade, que contribuiu para gerar a compreensão da necessidade de elaboração própria.

Essas falas dos sujeitos revelam a reflexão que fazem sobre essa necessidade:

Estamos numa licenciatura... somos futuros professores, nós podemos fazer nossa parte” (VD);

O importante é que façamos a nossa parte. Já temos conhecimento de como devemos usar a Internet” (CS);

Como futuros professores, devemos ter outras práticas em relação à pesquisa” (MM);

Os sujeitos manifestam o desejo de libertar-se da condição de submissão a que sempre estiveram subordinados, reproduzindo sempre o dizer do outro, sem reelaborá-lo. Tal submissão, infere-se, está relacionada à história pessoal e escolar das leituras de cada um dos atores, normalmente preparados para copiar e não para criar, o que gera falta de embasamento necessário para elaborar e propor uma dinâmica de leitura e produção textual próprias.

As reflexões, diálogos, discussões, juntamente com a ação, neste espaço/tempo em que durou a pesquisa, contribuíram para que os sujeitos compreendessem e externassem, em suas práticas discursivas, que nem todos os hipertextos disponíveis na Internet são confiáveis, nem estão todos prontos na rede para serem apenas escolhidos num clique; mas que é preciso, antes de tudo, ética, criatividade e criticidade para a construção do conhecimento.

5. ARREMATES TEMPORÁRIOS: INCONCLUSÕES

Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso (LISPECTOR, 1998, p. 25).

No processo de investigação e conhecimento de um fenômeno, a grande aventura à busca de possíveis respostas para alguns questionamentos termina por revelar que o mais importante não é fechar as janelas e desconectar; porque a idéia não é apresentar ao leitor as respostas prontas, mas suscitar-lhe outros questionamentos.

Assim, essa não é uma conclusão, mas um começo que suscita outros questionamentos, outras reflexões e estudos, visando mover ações que implementem uma mudança do paradigma linear de ensino-aprendizagem de leitura e escrita – em que alunos costumam ser apenas receptores – para um paradigma hipertextual, em que sejam interlocutores de dizeres em curso.

Faz-se, portanto, um arremate temporário de fios, já que o caminho continuará aberto ao leitor que traçará muitas rotas por entre estes escritos, “discurso-rio”, cheio de afluentes, que “[...] já aponta simultaneamente para um novo percurso que se inicia. Terminar passa a ser a instauração de uma porta. Em sua natureza dupla, as portas, ao mesmo tempo em que fecham, também abrem espaços” (LEÃO, 2005, p. 137).

Estes foram os fios iniciais que urdiram esta trama textual: “leitura”, “produção textual”, “plágio” e “hipertexto”. Como diz Guimarães Rosa “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra “pegante”, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”. Os que foram convidados a fazer parte desta pesquisa chegaram portando outras palavras e ajudaram a tecer uma rede de significados.

Assim, com base nesta rede tecida – que gerou os dados – e nas reflexões feitas a partir dos resultados, pôde-se constatar que o hipertexto digital, como aparato sedutor, tem marcado presença constante entre os graduandos de Letras – especialmente os envolvidos nesta pesquisa –, potencializando seu acesso às informações, à produção científica. Este fato precisa mover o professor

universitário para um momento de reflexão profundamente crítica com relação às suas práticas pedagógicas, à formação do profissional de Letras, na sociedade atual, e sua ação como ser da linguagem, leitor e produtor de textos.

Vale ressaltar que, para se dizer o que foi dito, buscou-se apoio em todos os discursos orais e escritos dos alunos, sendo estes últimos todos realizados no já referido ambiente digital. Enfim, o que não é para ser finalizado precisa, mesmo assim, de um ponto final. Neste caso, será o da interrogação, pois fica aqui apenas uma pausa para poder continuar.

Como parte das inquietações que engendraram esta pesquisa, ainda ressoam questionamentos: o que a leitura dessa trajetória dá a conhecer? O que não foi revelado, e que ainda permanece escondido? Aqui, fecha-se o texto; aqui, abre-se o debate. E como o poeta pode-se, então, dizer: “Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

6. REFERÊNCIAS

BARRETO, Raquel Goulart. As novas tecnologias e implicações na formação do leitor-professor. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar:** espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.

FIALHO, Nadia Hage. Como, sem brincar de detetive, descobrir um objeto. **Revista FESPI**, ano IV, nº 7, jan/jun, 1986.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas, SP: Pontes, 2000b.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2003.

LEITE, Márcia e DILÉ, Valter (org.). **Subjetividades tecnológicas e escolas.** Rio de Janeiro: DP&, 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2000.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura:** hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio e XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.